



Onésimo Alves de Mesquita*

RESUMO

O presente artigo, intitulado *A Categoria Deus na Lógica da Filosofia de Eric Weil*, tem como objetivo identificar a importância da categoria *Deus* e do conceito de *retomada* para o empreendimento teórico fundamentado pelo filósofo Eric Weil, a fim de compreender de que modo é possível considerá-lo como um fundamento ético e político essencial, capaz de conduzir as ações humanas na direção do *Sentido* e da *Sabedoria*. Para tanto, a partir de uma hermenêutica filosófica, o artigo apresentado dedicar-se-á inicialmente à exposição da *Lógica da Filosofia*, com o fim de discorrer sobre como Weil apresenta a categoria *Deus* no percurso argumentativo fundamentado na obra, para, a seguir, indicar sua importância para a autocompreensão do próprio homem que para falar de *Deus* necessita de *retomadas*, tendo em vista que o sujeito não possui a linguagem da revelação. Por fim, será feita uma exposição da relevância das retomadas que possibilitam o discurso sobre Deus a partir da análise das categorias *Certeza*, na qual Deus aparece como o ser, *Personalidade*, que é de relevância fulcral para a teologia cristã, e *Sentido* que, para Weil, é o ponto de chegada do discurso humano.

Palavras-chave: Deus. Categoria. Atitude. Sentido.

The category God in Eric Weil's *Logic of Philosophy*: an introductory journey

ABSTRACT

The present article, entitled *The Category of God in Eric Weil's Logic of Philosophy*, aims to identify the importance of the category of *God* and the concept of resumption for the theoretical enterprise founded by the philosopher Eric Weil, in order to understand how it is possible to consider it as an essential ethical and political foundation, capable of guiding human actions in the direction of *Meaning* and *Wisdom*. To this end, based on a philosophical hermeneutics, the article presented will initially be dedicated to the exposition of the *Logic of Philosophy*, with the aim of discussing how Weil presents the category of *God* in the argumentative path based on the work, and then indicating its importance for the self-understanding of man himself who, in order to speak about God, needs to be revisited, considering that the subject does not have the language of revelation. Finally, an explanation will be made of the relevance of the retakes that enable the discourse about *God* based on the analysis of the categories *Certainty*, in which *God* appears as the being, *Personality*, which is of central relevance for Christian theology, and *Meaning* which, for Weil, is the arrival point of human discourse.

Keywords: God. Category. Attitude. Sense.

* Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em Teologia pela Faculdade de Teologia e Capelania (FAETEO). Licenciado em Filosofia pela Faculdade Única (Ipatinga). Bacharel em Teologia pela Faculdade Maciço de Baturité (FMB). E-mail: onesimo_@hotmail.com. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7106723144245633>.

1 Introdução

O contexto de violência, desarraigamento, dissolução da política e o vazio existencial resultante da quebra dos valores traz à tona a discussão sobre as diferentes consequências do niilismo¹ contemporâneo em nossa sociedade. Propostas éticas formuladas no decorrer da história da filosofia não contiveram a agudização dos problemas concernentes a esse niilismo prático na sociedade, sendo bem conhecida sua origem.

As raízes comuns do niilismo ético e da modernidade, na perspectiva de uma análise filosófica, encontram-se na profunda transformação da concepção antropológica, que repercutiu na concepção das estruturas do agir humano, tanto na dimensão subjetiva da moralidade, como na dimensão objetiva da eticidade ou do existir em comum dos homens (PERINE, 2004, p. 162).

Reafirmando a necessidade da investigação filosófica minuciosa sobre categorias essenciais para a Filosofia Moral, tais como sentido, Deus, liberdade, vontade e sabedoria, o pensamento de Eric Weil surge no contexto de extremos que permitiram ao filósofo fazer análises profundas sobre os tempos e a maneira como o homem reage ao seu contexto para estabelecer, assim, aquilo que é razoável e que lhe confere sentido. Nascido em Parchim, Alemanha, em 1904 e falecido em Nice, na França, em 1977, Weil deixou a Alemanha² em 1933 e permaneceu durante toda a sua vida na França (GUIBAL, 2002, p. 21).

Embora Weil não tenha deixado um tratado com análises filosóficas sobre o niilismo, ele nos deixou uma das melhores análises sobre a violência, texto que serve como porta de entrada para a *Lógica da Filosofia*,

Portanto, a obra filosófica de Eric Weil pode ser lida como uma intensa meditação sobre o niilismo, seja nas suas manifestações parciais, seja na sua tentativa radical de calar a razão pela eliminação pura e simples da alteridade ou pela afirmação e escolha da insensatez. O termo e o fim dessa meditação estão antecipados nas duas últimas categorias da *Lógica da Filosofia*, a saber o “Sentido” e a “Sabedoria” (PERINE, 2004, p. 169).

¹ A literatura para aprofundamento é vasta, segue-se aqui duas obras que contêm um bom arsenal bibliográfico: (VOLPI, 1999; D’AGOSTINI, 2002).

² O motivo que levou Weil a deixar a Alemanha foi sua percepção de para onde iria levar o regime nazista. Em 1938 se naturaliza francês e participada da Segunda Guerra, onde fica cativo durante quatro anos até sua libertação.

Nesse horizonte de reflexão, a proposta de exame sobre a categoria *Deus* na *Lógica da Filosofia* de Eric Weil se revela como uma valiosa contribuição

2 A Lógica da Filosofia

Eric Weil possuía um profundo conhecimento cultural e capacidade de investigação dos campos de saber humano, mostrando interesse pela história e suas interconexões existenciais, sempre em busca da coerência e lógica do discurso humano. No centro do seu filosofar se encontra a *Lógica da Filosofia* (2012), sua *magnus opus*³. Essa busca por coerência é a atitude do lógico da filosofia.

Toda filosofia, sendo desenvolvimento de um sentido concreto num discurso uno, contém, portanto, todas as categorias, mas é somente na sequência histórica dos sistemas que elas aparecem, uma após a outra, em suas respectivas funções categoriais (WEIL, 2012, p. 605).

O mundo que se apresenta ao lógico é uma realidade plural plena de contradições e aporias que confrontarão o homem em sua atitude de compreensão. Weil de fato desmistifica toda uma maneira de filosofar, não o filosofar enquanto tal, mas certo modo de filosofar que só acredita na racionalidade (SOARES, 1997, p. 13). Diante de tal desafio, se encontra o homem que busca compreensão, que anseia por entender seu modo de agir e se compreender dentro da ação. Para ele essa atitude não é necessária, pois,

O filósofo é o indivíduo finito e razoável que visa compreender o infinito do discurso. Aqui existe certamente a herança kantiana. Não existe a filosofia, mas o filosofar, que é a vontade de tudo compreender, fundada numa decisão livre (SOARES, 1998, p. 1082).

Sendo considerada uma das obras filosóficas mais impressionantes e complexas da segunda metade do século XX, a *Lógica da Filosofia* tem a pretensão de compreender os discursos filosóficos produzidos pelo homem na história, através de uma articulação sistemática chamada por Weil de atitude/categoria. Sendo a atitude o modo como o homem vive naturalmente no mundo (COSTESKI, 2015, p.

³ A *Logique de la philosophie*, tem sua primeira edição em 1950, seguidas da segunda em 1967, e reimpressão em 1996. No Brasil a tradução é de 2012.

130), por categoria se compreende “um conceito organizador de um discurso coerente, definindo uma atitude, captando no plano do discurso uma coerência estabelecida na medida em que o homem tendo escolhido compreender, se compreende como realizando uma possibilidade humana na história” (PERINE, 2004, p. 234). O homem na atitude precisa conhecer e compreender mais que uma fração de seu momento,

Por atitude, entende-se a maneira de viver de uma pessoa ou um grupo, levando em consideração todo o seu contexto histórico, isto é, o seu tempo, o seu espaço, a sua cultura, os valores, as coisas, ou seja, o sentido do seu mundo material e espiritual. Todo esse conjunto de variantes e pré-compreensões forma no homem uma determinada maneira de ser, o que justifica a igualdade e a diferença das pessoas, dos povos e das culturas (SOARES, 1998, p. 1083).

Se tomarmos como exemplo o homem contemporâneo que percebe as várias mudanças que acontecem ao seu redor, sejam elas a nível das instituições, mudanças sociais e políticas, sem deixar de perceber as mudanças climáticas das quais o nosso planeta hoje padece, destaca-se que o homem de hoje é livre para tomar decisões, uma atitude diante da realidade que o cerca que busca a compreensão e o sentido.

A atitude é o sentido do seu mundo material e espiritual, dos valores que habitam as coisas e orientam seus atos e sentimentos. Ela é, portanto, o modo de ser humano no mundo, o modo de estar e de viver como homem no mundo. Em geral o homem não é consciente de sua atitude, pois ele vive nela, mais exatamente, ele a vive (PERINE, 2004, p. 233).

O homem na vivência da sua atitude chega a um nível de conhecimento e compreensão de si e da realidade que o envolve que o impulsiona ao ato criativo transformador e radical na medida em que agora o compreende e domina. Neste seguimento, podemos conceber o termo categoria como “o conceito que permite construir um mundo coerente e que confere um sentido a tudo que é e à vida do próprio homem que nesse discurso, apreende e edifica ao mesmo tempo a si mesmo e a seu mundo” (WEIL, 2012, p. 112). Há agora uma separação entre o sujeito e o objeto, isto é, a atitude equivale ao outro que deve ser pensado e questionado. Feito isso, o homem pode até rejeitar a atitude na qual se mantinha, pois, pelo discurso, inaugurando uma nova atitude. Sendo um agente discursivo, o homem pode transformar toda atitude em discurso, e assim produzir uma categoria ou, o que é o

mesmo, um conceito organizador de um discurso coerente (PERINE, 2004, p. 232-234). A categoria não somente exprime uma atitude, mas a define. É por meio dela que se compreende a atitude pura, e por meio desta compreendem-se as atitudes impuras que são as realmente vividas na história, como também os discursos incoerentes, resultados dessas atitudes.

Cada categoria subentende uma atitude. Tudo se organiza, se explica e ganha sentido através da categoria. A categoria passa a ser a explicação coerente de tudo aquilo que os homens fazem na História ao assumirem uma determinada atitude. Categoria deve ser entendida aqui, como categoria filosófica e nunca como categoria metafísica. E. Weil insiste sobre esta diferença, na medida em que é esta diferença, que determina e justifica a sua lógica da filosofia (SOARES, 1998, p. 1084).

A categoria sendo oriunda da atitude ganha agora uma capacidade de organização, um poder de explicitar de modo coerente aquilo que o homem procura saber e entender. Como uma articulação filosófica, e não dentro das categorias metafísicas, essa diferença é de radical importância para a construção de um discurso coerente que analisa o real enquanto tal, mediado pela categoria escolhida ou vivenciada. O que importa para o lógico da filosofia é a compreensão sensata do homem seguindo a pluralidade dos discursos coerentes realizados na história. O sistema desses discursos possíveis ou dessas possibilidades de autocompreensão é a lógica da filosofia (PERINE, 2004, p. 234). E o sistema não é desordenado:

Na Lógica da Filosofia não se define nem uma nova categoria e muito menos uma nova atitude. Ela é a tomada de consciência de si mesmo. Compreende todos os discursos como possibilidade para o homem expressar o que ele faz. Todos formam a totalidade circular da Lógica na qual qualquer discurso tem a sua interpretação e sua razão de ser. Nada existe fora deste círculo hermenêutico, e além do mais, a conotação de circularidade é a possibilidade de se começar de qualquer categoria. Cada categoria pode por sua vez ser um ponto de partida, ou de chegada, ou ainda ser uma mediação; como também a atitude pode passar de uma outra mantendo sempre a racionalidade que lhe é própria. A passagem é livre. Cada atitude se basta a si mesma (SOARES, 1998, p. 1085).

As categorias dentro do plano lógico da *Lógica da Filosofia*, nas quais o homem busca tematizar suas atitudes de compreensão através de sua caminhada na história, são: *Verdade, Não-senso, Verdadeiro e falso, Certeza, Discussão, Objeto, Eu, Deus,*

Condição, Consciência, Inteligência, Personalidade, Absoluto, Obra, Finito, Ação, Sentido e Sabedoria.

A filosofia apresentada por Eric Weil é conscientemente um processo de compreensão sistematizada vinculada à possibilidade para o homem de ligar-se filosoficamente à História e conceituar a sua própria compreensão na busca de um discurso coerente, ainda que não seja ciência, rejeitando viver sem sentido, e procurando com toda a força da sua capacidade de racionalizar, interrogar sobre o sentido. Para tanto, Weil lança mão do conceito de retomada. Ele é essencial à verdade: é ele que permite a aplicação da lógica à realidade da história e, em outras palavras, que permite a compreensão dos discursos concretamente sustentados pelos homens no passado e no presente (WEIL, 2012, p. 123). O conceito de retomada é importante não somente para o sistema *weiliano*, mais para a própria filosofia, pois:

[...] é o movimento de retomadas que faz com que o sistema weiliano seja sempre aberto e dinâmico, consciente de seu limite diante da liberdade das atitudes; por outro lado, é o conceito de retomada que permite pensar a mesma liberdade dentro do discurso filosófico. Por isso, sem o movimento das retomadas, não existiria uma lógica da filosofia nem, tampouco, linguagem e discurso humanos (COSTESKI, 2009, p. 90).

O que precisa ser observado é que juntamente com atitude e categoria, o conceito de retomada é uma ferramenta hermenêutica indispensável para a organização da linguagem em busca da compreensão coerente.

No início de uma nova época – no momento em que um novo interesse, ao querer destruir um mundo envelhecido, organiza um mundo novo –, é, portanto, uma antiga categoria que apreende uma nova atitude e fala da nova categoria, e ao falar a seu respeito também a esconde e deturpa. O homem retoma (para nós que, ao chegar mais tarde, conhecemos a categoria que ele está apenas desenvolvendo) um discurso que, em sua situação, ele já ultrapassou, e pode-se dizer que todo o trabalho de uma lógica aplicada à filosofia consiste na apreensão dessas retomadas de antigas categorias que formam a linguagem e os discursos (não coerentes, embora se pretendam coerentes) dos homens (WEIL, 2012, p. 122-123).

Tendo em vista que o conceito nos permite a aplicação da lógica à realidade histórica, tomando a filosofia em seu filosofar como processo de questionamento para compreensão do sentido da realidade, o conceito de retomada é essa volta a própria

realidade histórica para diante de um novo contexto, compreender os termos do antigo, retomando antigas categorias e as relacionando com a nova realidade. A relevância do tema se relaciona com a própria importância do conceito, de modo que são relativamente poucos os trabalhos científicos que tratam de Deus e de sua retomada como objeto central de investigação⁴.

3 A Categoria Deus na *Lógica da Filosofia*

A categoria *Deus* entra no discurso filosófico porque a fé é uma das atitudes puras ou irreduzíveis mediante as quais o homem se mantém no mundo (PERINE, 2004, p. 233). Por todos os lados constatamos esse fato e ao longo da história podemos ver que o homem mantém uma atitude de fé que pode ser demonstrada pelas mais variadas religiões. Sendo um homem em busca de compreensão que deseja viver de forma sensata, não permitindo que sua razão se volte para a violência, o lógico da filosofia não despreza a atitude de fé, mas se coloca para compreendê-la melhor no mundo de suas vivências,

A pretensão do lógico da filosofia é captar a atitude da fé na sua pureza. Portanto, antes de extrair da atitude o que interessa ao filósofo, é preciso ver como ela é vivida pelo crente, a saber, como sentimento religioso em estado puro, aquém da sua sistematização sobre a forma de teologia. A fé se apresenta, na atitude do crente, como o móvel da intencionalidade religiosa cujo termo — Deus ou o Divino — responde ao radicadíssimo sentimento que projeta o homem em direção ao contentamento, quer se o entenda como *eudaimonia*, quer como *beatitudo*. Para dizer o mesmo, a fé é uma das atitudes humanas irreduzíveis porque o homem não se descobre só como razão oposta à natureza, mas também como coração, e o desejo do coração é um só: ser feliz (PERINE, 2004, p. 236-237).

Uma vez que o homem comum já vive nessa atitude de fé, precisamos perguntar qual o *Deus* que o lógico está procurando compreender: seria o Deus das religiões já estabelecidas? Ou até mesmo o Ser? O que o homem fincado na busca de entender sua realidade procura? O capítulo sobre *Deus* da *Lógica da filosofia* não equivale a uma teologia filosófica. *Deus* não é para a *Lógica* um ser, mas uma

⁴ Destaco a pesquisa de Henri Bouillard (1908-1981) *Logique de la foi: esquisses, dialogues avec la pensée protestante, approches philosophiques*, e o artigo *Philosophie et religion dans l'oeuvre d'Eric Weil* (1977).

categoria, isto é, um conceito organizador de discurso (COSTESKI, 2015, p. 132). Nesse sentido,

[...] a Lógica da filosofia identifica Deus não com o Ser que existe por si mesmo, mas no sentido que o homem dá ao mundo e ele mesmo; em outras palavras, a obra desenvolve não uma teologia natural, mas uma hermenêutica da existência humana. O teólogo compreende primeiro em que capacidade a ideia de Deus entra na obra; ele então examina o que acontece com isso; ele finalmente localiza o significado que o filósofo reconhece nele (CASTRO, 2003, p. 73).

Weil não emula uma racionalidade transcendente em busca de uma ontologia substancial, que parte dos primeiros princípios tais como fizeram Platão e Aristóteles. Em vez disso, ele diz:

A filosofia primeira não é, portanto, uma teoria do Ser, mas o desenvolvimento do *logos*, do discurso, para ele próprio e por ele próprio, na realidade da existência humana, que se compreende em suas realizações na medida em que ela *quer* se compreender. Ela não é ontologia, ela é lógica, não do Ser, mas do discurso humano concreto, dos discursos que formam o discurso em sua unidade (WEIL, 2012, p. 105).

A categoria *Deus* dentro da *Lógica da Filosofia* assume um caráter hermenêutico fundamental para compreensão do próprio homem: “Para nós, porém, é sob a categoria de Deus que, pela primeira vez, o homem se vê e se interpreta na totalidade de sua vida” (WEIL, 2012, p. 266). Diante dessa afirmação surge uma pergunta de relevância fundamental: o homem teria acesso a Deus de forma pura, sem mediação? Weil responde que “o crente não tem linguagem positiva à sua disposição. A revelação não é, para ele, sua linguagem, mas a de Deus” (WEIL, 2012, p. 270). Sendo assim, qual seria a linguagem do crente? Como o homem pode se expressar e falar de Deus autenticamente? Weil aponta que “a linguagem da fé é, assim, a linguagem do sentimento” (WEIL, 2012, p. 260). Seria a linguagem do sentimento suficiente para um discurso mais abrangente?

Para Weil, o que permite que o discurso sobre Deus alcance o grau de coerência e plausibilidade é o conceito de retomada. “Se ele quer conhecer, a retomada lhe é indispensável; pois em si mesma, a categoria não comporta nem o conhecimento de Deus, nem do homem” (WEIL, 2012, p. 270). A retomada permite uma nova compreensão, um novo olhar a partir do antigo. “O sentimento não fala, ele

se expressa, e mesmo essa expressão só é dele para nós. O que as retomadas permitem ao homem é falar de seu sentimento” (WEIL, 2012, p. 270).

Segundo Weil, há um ponto de partida no interior da categoria que permite as retomadas de Deus em outras categorias:

O homem se compreende em Deus - essa formulação tem dois sentidos: é em Deus que o homem se vê, e o homem vê em Deus ele próprio. Ambas as interpretações expressam um único fato, visto uma vez do interior da categoria, outra vez do exterior, fato idêntico, no entanto, porque de ambas as formas se reconhece que o ser do homem se explica no e pelo Ser divino (WEIL, 2012, p. 271).

A categoria de *Deus*, sendo retomada nas categorias *certeza* e *personalidade*, por sua vez, toma posição decisiva na ordem das categorias. Pela primeira vez o homem se vê em sua totalidade, liberdade e efetividade transcendente da razão e do sentimento, transcendente absoluto da natureza. Porém, o homem não vê esse princípio em si mesmo, mas em Deus.

É na categoria *Certeza* que o homem justifica seu discurso sobre Deus de um modo mais concreto: “Por sua intervenção, a fé se transmuta em religião no sentido histórico da palavra. Deus existe. Ele é uma força no mundo, não deste mundo, mas para este mundo” (WEIL, 2012, p. 277). O que garante a retomada de Deus nessa categoria para Weil é que “a categoria da certeza da origem ao conceito de essencial” leva à postulação ainda mais firme da linguagem sobre Deus: “Mas o conceito do essencial não aparece sob esse nome, que comporta um grau de reflexão ainda não alcançado a esse ponto. O nome que lhe é dado pela certeza é o de ser” (WEIL, 2012, p. 166). A partir de agora toda a categoria poderá falar sobre o essencial determinado pela própria categoria:

Essa palavra, "ser" – como dissemos –, é extremamente perigosa. Nós a encontramos sob a primeira categoria, e então a descartamos. Ela poderia encontrar seu lugar nos capítulos seguintes; se lá não a introduzimos foi pela mesma razão, para escapar dos mal-entendidos difíceis de evitar, dada nossa própria situação histórica. Mas a situação mudou: o ser era (ou teria sido) sujeito; agora, é predicado, é enunciado. Teríamos podido dizer Ser em lugar de Verdade, Não Ser por Não Sentido, e por Verdadeiro-Falso: não ser do Não Ser. Agora a categoria diz: isto é. Por isso, visto que toda atitude posterior, quando e se ela for formulada em teoria, retomará a categoria da certeza, toda categoria posterior poderá ser lida como uma forma do ser, e o ser encontrará uma determinação em toda categoria (WEIL, 2012, p. 166).

Na categoria *personalidade* a ideia de Deus, como categoria na *Lógica da Filosofia*, ganha um impulso maior para nossa investigação, pois o homem da personalidade é o homem que vive na interpretação do mundo: é um criador de mundos. Em busca de liberdade, não permitindo que nenhum interesse estranho a sua atitude lhe aprisione, vive essa liberdade da ação e coerência sobre a realidade “Trata-se de viver: e o homem já não quer ser inteligente à custa de sua vida, assim como não quer sacrificar sua inteligência à sua vida (WEIL, 2012, p. 403).

“É na *personalidade*, compreendida a partir da retomada da ideia de Deus, que se encontra o núcleo da teologia cristã” (COSTESKI, 2015, p. 133). Weil diz: “A personalidade é Deus, eis a tese, porque Deus é consciência absoluta: o homem é personalidade consciente porque Deus o é e o homem é sua imagem” (WEIL, 2012, p. 443). Para falar de si mesma, a *personalidade* passa a utilizar estrategicamente do discurso da categoria Deus, criando um aparente paradoxo na linguagem humana. Através da ideia de Deus, a personalidade torna-se livre para viver segundo o seu próprio sentimento (COSTESKI, 2015, p. 133). Estando agora livre da natureza e podendo se assegurar da sua própria fonte à felicidade que procura, transcende o finito.

Já não está só diante da natureza, o eu divino lhe fala, e ele encontra nele outro eu, que, estando acima dele e, portanto, desinteressado, não se opõe a ele, mas pede-lhe apenas para ser, em verdade, tal como seu criador o quis: no finito, imagem da transcendência, liberdade que se determina com vistas à pureza. O homem pode ser feliz porque o eu divino lhe mostra o caminho da bem-aventurança e o ajuda em sua caminhada. Sua origem, seu ser e seu fim não pertencem a esse mundo em que todo ser é isolado e infeliz: ele se apreende em sua plenitude ao retornar à sua fonte, e essa fonte, por transcender e dominar a natureza, inclusive a natureza humana, pode lhe garantir sua felicidade (WEIL, 2012, p. 251).

4 Deus e o Sentido

A busca do lógico enfim se revela em mais do que delinear os espaços lógicos das razões afirmadas em categorias que garantem a explicitude da atitude humana frente ao desafio de compreensão:

A categoria-atitude da ação é a mais alta à qual o homem pode chegar em seu discurso: o discurso aí não apenas se sabe real, como se realiza; aí ele não apenas justifica a realidade, como a torna justa. Por isso ela não pode

ser superada; o homem não estabelece para si um fim mais elevado que sua liberdade na realidade de sua vida, que uma vida com vistas a uma realidade livre, com vistas à unidade entre discurso coerente e realidade coerente, mais elevado que uma ação consciente e razoável, livre e não arbitrária, em vista de um futuro que seja presença na liberdade do sentimento (WEIL, 2012, p. 583).

É na busca da liberdade que a transcendência⁵ filosófica se torna mais explícita na obra *weiliana*. “A transcendência filosófica apresenta-se de vários modos na *Lógica da Filosofia*: nas formalidades das categorias *Sentido* e *Sabedoria*” (COSTESKI, 2013, p. 5). Weil nos diz:

Se, portanto, existe uma categoria para além da categoria da ação - e a ação o exige, na medida em que ela ainda não se concluiu, na medida em que ela fala de negatividade, de fim e de futuro -, ela só pode ser a categoria da filosofia, uma categoria que não serve para compreender tudo, mas que funda a filosofia para ela própria, uma categoria sem atitude, categoria vazia que sempre se preenche, categoria essencialmente por vir na qualidade de não atitude, e que é a categoria da presença (WEIL, 2012, p. 591).

Por conta disso é que a categoria do *Sentido*, para Eric Weil, se torna o ponto de chegada da retomada da ideia de Deus. E, com efeito, a eternidade da presença não é uma ideia inventada: “ela está no fundo e no ponto de consumação de todo discurso humano” (WEIL, 2012, p. 113). A atitude da fé da *Lógica da filosofia* conduz justamente a essa experiência de *Sentido*, “expressa, no caso, por meio de um desejo de amor vivenciado pelas religiões monoteístas e que, enquanto sentimento, do mesmo modo presente em todos os indivíduos, independentemente de sua experiência religiosa” (COSTESKI, 2015, p. 135).

Aqui está posto o fim, a qual nos levou a atitude da fé, a essa presença que é o ponto final em que o sentido se torna uma realidade experimentável por parte do homem que deseja viver em sua liberdade, muito bem salientada pelo Dr. Evanildo Costeski:

Essa é a maneira como ele compreende a transcendência do ser metafísico-ontológico tradicional, esse sobrer ser indescritível, indizível, mas capaz de fundar toda discricção, todo discurso e todo ser. É essa forma que o infinito pode se apresentar para o homem finito, através da atitude da fé. Trata-se aqui de um infinito formal, de uma Presença, de um sentido, ainda ausente,

⁵ Transcendência filosófica se refere não as modalidades metafísicas, mas à dialética das categorias imanentes aos discursos humanos.

porém desejado, como um fim a ser alcançado pelo discurso e pela ação moral e política (PERINE *et. al.*, 2020, p. 314).

Considerações Finais

A filosofia, portanto, firma suas raízes na escolha livre do homem que procura compreender sua realidade de modo coerente e substancial. Ao decidir tomar a direção da compreensão e do entendimento frente a própria natureza, e dos desafios éticos lançados pelo mundo ao seu redor, que por escolha própria do homem podem desencadear a violência, a categoria *Deus* se mostra como hermenêutica da existência a partir das retomadas nas categorias *certeza*, *personalidade* e *sentido*. Considerada a força valorativa constituinte das relações do indivíduo consigo mesmo, com os outros, com a sociedade e com Deus, sempre em direção à sabedoria.

Assim, a partir do cenário desafiador da atualidade, perceber nas categorias *Deus* e *Sentido* a matriz valorativa que norteia as relações entre os indivíduos, tal como proposto por Weil, implica em situar a ética tanto no plano transcendente, posto que seu nascedouro é Deus, como discurso coerente de Sentido, como no plano imanente, já que sua efetivação se dá no transcorrer das relações de alteridade pela sociedade.

Referências

BERNARDO, L. M. A. V. Retomar: uma condição narratológica de textualidades comuns. **Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias**, v. 31, 2013, p. 301-317.

BOUILLARD, H. **Lógica da fé**. São Paulo: Herder, 1968.

BOUILLARD, H. Philosophie et religion dans l'oeuvre d'Eric Weil. **Archives de philosophie**, v. 40, 1977, p. 543-621.

CASTELO BRANCO, J. Retomada e Sentido: a base da relação entre filosofia e história da filosofia na Logique de la Philosophie de Eric Weil. **Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias**, v. 31, 2013, p. 123-135.

CASTRO, M. L'infini chez Éric Weil et le Dieu chrétien selon Henri Bouillard. **Laval théologique et philosophique**, v. 62, n. 1, p. 67-80, 2003.

COSTESKI, E. A presença de Feuerbach na Lógica da Filosofia. **Revista Dialectus**, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 130-137, 2015.

- COSTESKI, E. **Atitude, Violência e Estado Mundial Democrático**. São Leopoldo: Unisinos, 2009.
- COSTESKI, E. Incidências da Filosofia de Eric Weil na Teologia de Henri Bouillard. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 44, n. 130, 2010, p. 295-304.
- COSTESKI, E. Sentimento, Fé e Reprise em Eric Weil. **Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias**, v. 31, 2013, p. 153-162.
- D'AGOSTINI, F. **Lógica do niilismo**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- FEUERBACH, L. **A essência do Cristianismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FRANCO, V. **O niilismo**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- GUIBAL, F. **Historia, Razón e Libertad**: Una introducción al pensamiento político y filosófico de Eric Weil. Lima: Fondo Editorial de PUCP, 2002.
- PERINE, M. **Eric Weil e a compreensão do nosso tempo**: ética, política, filosofia. São Paulo: Loyola, 2004.
- PERINE, M. **Filosofia e violência**: sentido e intenção da filosofia de Éric Weil. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- PERINE, M. *et. al.* **Pensamento e história**. São Paulo: É Realizações, 2020.
- SOARES, M. C. A lógica como diálogo. **Veritas**, Porto Alegre, v. 43, n. 4, dez./1998, p. 1081-1096.
- SOARES, M. C. **O filósofo e o político**: segundo Eric Weil. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- WEIL, E. **Filosofia política**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1990.
- WEIL, E. **Hegel e nós**. Caxias do Sul: EdPUCRS, 2019.
- WEIL, E. **Lógica da Filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2012.
- WEIL, E. **Problemas kantianos**. São Paulo: É Realizações, 2012.
- ZUBIRI, X. **Natureza, História, Deus**. São Paulo: É Realizações, 2010.

Recebido em: 01/08/2024
Aprovado em: 16/10/2024